



O PAU-DA-MISSA COMO VEÍCULO FOLKCOMUNICACIONAL NA VILA DE PARANAPIACABA

Ana Lúcia Nishida Tsutsui
CAMILA GREGÓRIO DO NASCIMENTO
Cristine Gleria Vecchi
Franz Everardo Passos Pröglhöf Júnior
Roberta Mioni Coltro
Taís Rios Salomão de Souza
Vanessa Mazza Furquim

Coordenação: Prof. Dr. José Marques de Melo e Prof^a Dr^a Maria Cristina Gobbi

Resumo:

O presente estudo visa à caracterização do processo folkcomunicação da Vila de Paranapiacaba influenciado pelo instrumento noticioso denominado “pau da missa”. Desde a fundação da Vila até os dias atuais, uma árvore de Cambuci é utilizada como suporte para os recados da comunidade, informando os eventos da região. A pesquisa desenvolve-se a partir de uma revisão de literatura que fundamenta os conceitos de folkcomunicação, tendo como base a teoria de Luiz Beltrão, e completa-se com a pesquisa de campo. Objetiva-se com este estudo verificar como o processo de comunicação da localidade é influenciado pela coexistência deste instrumento com os veículos midiáticos que se inserem na sociedade. Pode-se verificar que, embora em menos volume, esta prática continua existindo como costume entre a população de Paranapiacaba, caracterizando-se desta forma como um processo folkcomunicação.

Palavras-Chave: Paranapiacaba, folkcomunicação, Pau-da-Missa



Introdução

Desde a fundação da Vila de Paranapiacaba até os dias atuais, uma árvore de Cambuci, denominada Pau-da-Missa, é utilizada como suporte para os recados da comunidade, informando os eventos da região.

Objetiva-se com este estudo verificar como o processo de comunicação da Vila é influenciado pela coexistência do instrumento de comunicação Pau-da-Missa com os veículos midiáticos inseridos posteriormente na comunidade local.

Baseando-se na teoria de Luiz Beltrão, o precursor nos estudos de folkcomunicação, e na observação das tradicionais relações dos habitantes com a árvore, busca-se a identificação do Pau-da-Missa como sendo uma manifestação folclórica e comunicacional desta comunidade.

Descrição da pesquisa

O presente trabalho surgiu com a participação dos integrantes do grupo PET¹ (Programa Especial de Treinamento) de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo na Oficina de Iniciação Científica: Folkcomunicação na Imprensa Brasileira do século XXI, realizada no período de 13 de agosto a 05 de novembro de 2002.

O tema foi escolhido a partir do conhecimento prévio da Vila de Paranapiacaba e de algumas de suas tradições obtidos por meio de uma visita turística realizada pelos integrantes do grupo no dia 17 de agosto de 2002.

Com a definição do local a ser pesquisado, foi feita uma nova visita a vila, em 03 de novembro de 2002, a fim de definir o instrumento folkcomunicacional a ser estudado. Nesta

¹ Trata-se de um grupo de iniciação científica, fomentado pela Secretaria de Educação Superior (SESu), cujo objetivo é “oferecer uma formação acadêmica de excelente nível, visando à formação de um profissional crítico e atuante; além de promover a integração da formação acadêmica com a futura atividade profissional, especialmente no caso da carreira universitária, através da interação constante entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão”. (Manual PET, 1995)



visita, foram entrevistados alguns líderes de opinião: antigos moradores, pessoas ligadas às associações e movimentos locais.

Após a pesquisa de campo, o grupo discutiu as manifestações folkcomunicacionais levantadas na vila, tendo definido o Pau-da-Missa como objeto de estudo. O grupo fez um levantamento sobre o assunto a ser pesquisado em sites, no Museu de Santo André, além de leitura de autores pesquisadores da Vila de Paranapiacaba.

A terceira visita à Vila foi realizada no dia 29 de janeiro de 2003. Novamente foram entrevistados moradores, representantes locais e responsáveis pela rádio comunitária, porém, nesta circunstância, o trabalho foi direcionado para o objeto de estudo previamente definido. Com os dados obtidos, o grupo partiu para a análise folkcomunicacional do pau-da-missa.

Com base na teoria de Luiz Beltrão e nas observações verificadas em campo, foi realizado um debate entre os integrantes envolvidos de onde foi possível extrair as conclusões deste estudo.

Metodologia

O estudo definido como “O Pau-da-Missa como veículo folkcomunicacional da Vila de Paranapiacaba” configurou-se como uma análise de caso do veículo informativo citado anteriormente, auxiliada por uma revisão bibliográfica sobre o tema.

Para um maior aprofundamento da pesquisa, fez-se necessário um levantamento histórico da Vila, obtido via Internet, além de debate entre os integrantes do grupo PET de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo.

A caracterização do Pau-da-Missa baseou-se na obtenção de dados adquiridos através de uma pesquisa de campo realizada na Vila de Paranapiacaba, aprofundada por meio de entrevistas feitas com moradores, pesquisadores e representantes da administração pública do local.

Análise dos resultados

1. Histórico de Paranapiacaba



Localização

A atual vila de Paranapiacaba está instalada no topo da Serra do Mar, parte mais alta da cordilheira marítima, numa altitude de 796 metros do nível do mar. Em suas terras, estão as nascentes dos rios Grande e Pequeno, formadores da Represa Billings.

O Distrito de Paranapiacaba possui uma área de 83,22 Km², o que representa 47,72% da área total do Município, referente em sua grande maioria às áreas de mananciais.

Origem do Nome

A origem do nome Paranapiacaba, "lugar de onde se vê o mar", vem da língua tupi-guarani falada pelos índios nativos da região que usavam aquele caminho íngreme da Serra do Mar desde os tempos pré-coloniais.

Contexto Histórico e Econômico

No século XIX, a economia brasileira baseava-se quase que exclusivamente em um único produto de exportação: o café. Este, gradativamente, ganhou espaço como um bem de grande valor comercial e possibilitou o surgimento, aqui, da "single enterprise" ferroviária.

O fator preponderante para a construção da Ferrovia Santos-Jundiaí foi a expansão do café, que partindo do Rio de Janeiro no início do século XIX, logo se espalhou pelo vale do Rio Paraíba. A próxima região ocupada pela cultura cafeeira seria o oeste paulista, já bem no interior do estado. A partir daí, tornou-se urgente encontrar um meio de escoar o café com maior facilidade para o Porto de Santos. O mercado no exterior era certo, mas o produto levava dias de viagem em tropas de muares até o litoral.

Os primeiros estudos para a implantação da ferrovia começaram em 1835, mas foi apenas depois de 1850 que a idéia começou a sair do papel. Assim, em 1854, por iniciativa do Barão de Mauá, a concessão da ferrovia a ser construída foi cedida em 26 de abril de 1856, a recém-criada empresa inglesa São Paulo Railway Co. e recebia, por um decreto imperial, a concessão para a construção e exploração da ferrovia por 90 anos. A ferrovia trouxe da Europa toda uma tecnologia inaugurada a partir da invenção do vapor, mas, aqui em São Paulo, enfrentou o desafio de vencer o grande desnível que separava o planalto paulistano da Baixada Santista, ou seja, a ligação das principais regiões produtoras de café ao seu terminal



exportador, o porto de Santos. A solução desse problema exigiu muito tempo e demandou grandes capitais bancados pela Inglaterra.

As obras tiveram início em 1860, comandadas pelo engenheiro inglês Daniel M. Fox. Dadas as características extremamente íngremes do trecho da serra, optou-se pela adoção do chamado sistema funicular: o percurso foi dividido em quatro planos inclinados, cada um com uma máquina fixa a vapor que tracionava as composições através de cabos de aço.

O Começo da Vila

A 15 de maio de 1860, as obras foram iniciadas. Durante os trabalhos de preparação do leito e instalação da linha com 139 km foi necessário que se constituísse um acampamento no alto da Serra do Mar a 796 m de altitude. O local escolhido para o acampamento principal ficava no topo da serra e era próximo das obras. Esse local - que era um vale circundado por morros onde a Companhia, circunstancialmente, instalou o pessoal operacional, técnico e administrativo do sistema ferroviário - denominou-se Alto da Serra.

Não se pode afirmar com precisão quando se formou a Parte Alta, mas sabe-se, com certeza, que ela nasceu através da implantação da ferrovia e, quando esta foi inaugurada em 1867, uma pequena aglomeração já existia na Parte Alta. Era um pequeno povoado de casas de pau-a-pique e palha, quando Bento José Rodrigues da Silva, saindo de Mogi das Cruzes, construiu uma picada que finalizava no Alto da Serra. No local de chegada, em 1889, foi erigida a igreja matriz construída pelos moradores do local, trabalhadores ou não da ferrovia.

"Nesta fase inicial da construção, houve a ocupação dos locais hoje correspondentes à Vila Velha a partir da Parte Alta, por um acampamento de operários. (...) Foi determinado um eixo principal - Rua Direita que dava acesso aos depósitos e oficinas, distribuindo-se desordenadamente em torno desta rua as construções dos operários: ainda os mesmos casebres de pau-a-pique ou pau roliço amarrado, cobertos de sapé. A Companhia tinha suas construções (...) cobertas com folhas de ferro galvanizado ondulado."² Arquitetura esta, pré-fabricada, desenvolvida pelos britânicos no século XIX, especialmente pela fábrica Mc Farlane, da Escócia.

Paranapiacaba se tornou uma vila residencial para funcionários da ferrovia especialmente os que trabalhavam na operação do sistema funicular, que permitia a descida e

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



subida dos trens entre São Paulo e o porto de Santos. Depois da inauguração da ferrovia, em 1867, houve a necessidade de se fixar parte deles no local para cuidar da manutenção do sistema. Assim, construiu-se a Estação Alto da Serra³, que também foi o primeiro nome dado ao lugarejo. Por causa da sua localização, último ponto antes da descida da serra, a vila começou a ganhar importância. Também nesta época foi fundada, em torno da estação São Bernardo, a futura cidade de Santo André.

Enquanto isso, a ocupação no interior do estado se consolidava, graças à estrada de ferro. O comércio e a produção agrícola aumentaram significativamente. Em pouco tempo já era preciso duplicar a ferrovia.

A partir de 1896, começaram as obras. Paralelamente aos trabalhos de duplicação, a vila também sofreria modificações. No alto de uma colina, os ingleses construíram a casa do engenheiro-chefe, chamada de Castelinho, de onde toda a movimentação no pátio ferroviário poderia ser observada. (Hoje funciona no Castelinho o Centro de Preservação da Memória de Paranapiacaba. Ali estão reunidos objetos e instrumentos de trabalhos da época dos ingleses, que foram embora em 1946).

Também na década de 1890, foi erguida a Vila Martim Smith, com casas em estilo inglês, de madeira e telhados em ardósia, para servir de moradia aos funcionários da empresa. Em 1900, o novo sistema de planos inclinados é inaugurado, recebendo o nome de Serra Nova.

Do outro lado da estrada de ferro, a Parte Alta de Paranapiacaba, que não pertencia à companhia, seguia padrões arquitetônicos diversos daqueles da vila inglesa. A área começou a ser ocupada por comerciantes para atender os ferroviários já na década de 1860. Ali também moravam os funcionários aposentados, que não poderiam mais usar as casas cedidas pela empresa.

² Apud <http://www.paranapiacaba-spr.org.br/principio.htm>

³ A estação de Paranapiacaba é uma das mais cantadas em prosa e verso no Brasil e até no mundo, segundo o site <http://www.estacoesferroviarias.com.br/p/paranapiacaba.htm>



Evolução de Paranapiacaba

Em 1903, na vila Martin Smith, os ingleses fundaram o Clube União Lira Serrano - segundo alguns historiadores, ele pode ter sido palco de chutes e dribles antes mesmo da chegada de Charles Miller ao Brasil, que trouxe o futebol em 1894.

Em 1907, o lugar deixou de se chamar Alto da Serra para ganhar seu nome definitivo, Paranapiacaba. No entanto, a região em seus primeiros anos teve como nome oficial , Alto da Serra, denominação dada a sua Estação. E apenas em 05 de novembro de 1907 , o Alto da Serra foi elevado a *Distrito de Paz de Paranapiacaba*.

Em 1920, a Vila registrava uma população de 3.286 habitantes e manteve essa média durante todo período em que esteve sob controle dos ingleses. Esta população de ferroviários, constituída de imigrantes portugueses, espanhóis e italianos conjuntamente com os ingleses fundaram uma sociedade, na qual, reciprocamente, aceitavam o espaço em que viviam, gerindo e conservando-o.

Até meados da década de 40, os moradores viviam ali como uma grande família. A vila era bem cuidada, com ruas arborizadas e casas pintadas. O clube União Lira Serrano era o centro de uma intensa atividade sócio-cultural: bailes, jogos de salão, competições esportivas, encenações teatrais, exposições de filmes e concertos da Banda Lira. Outro importante ponto de encontro, para fechar um negócio ou conversar sobre política e futebol, era a Estação. Nas noites de sábados e domingos, moços e moças bem alinhados, interessados em namorar, caminhavam pelas plataformas largas, como relata João Ferreira, antigo morador da vila.

Em 1946, termina o período de concessão da São Paulo Railway Co. e todo seu patrimônio é incorporado ao da União. Este fato é apontado pelos antigos moradores como o início da decadência da vila, pois, além disso, a década de 40 marca o início de grandes transformações no Brasil. Na área do transporte, as rodovias se destacaram como prioridade nacional. Desse modo, a maior parte dos recursos do Estado foi destinada ao transporte rodoviário. Gradativamente, o transporte ferroviário foi perdendo importância no cenário nacional, ao mesmo tempo em que se iniciava um processo de degradação social e consequentemente física da Vila de Paranapiacaba. Social porque, a maioria dos habitantes da vila vivia em função da ferrovia, e física, devido ao descaso pela manutenção da estrutura existente.



Com a desativação parcial do sistema funicular, na década de 70, mais um golpe: parte dos funcionários é dispensada ou aposentada e outros são contratados, para cuidar do novo sistema de transposição da serra - a cremalheira-aderência.

Nos anos 1980, depois de várias denúncias na imprensa sobre a deterioração da vila, é criado o Movimento Pró-Paranapiacaba. Em 1986, a Rede Ferroviária entregou restaurados o sistema funicular entre o 4º e o 5º patamares e o Castelinho. No ano seguinte, o núcleo urbano, os equipamentos ferroviários e a área natural de Paranapiacaba foram tombados pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Em 2000, PROJETODESIGN publicou uma reportagem de Adilson Melendez na seção Memória discutindo os problemas burocráticos e políticos que obstaculizavam uma solução para a conservação da vila.

No início de 2002, a vila foi adquirida pela Prefeitura de Santo André, ainda sob a gestão do prefeito Celso Daniel, assassinado em janeiro. A compra, um dos últimos atos do prefeito, custou pouco mais de R\$ 2 milhões aos cofres da Prefeitura, que iniciou ali uma série de atividades culturais, como workshops de artes, shows, espetáculos de dança e atividades turísticas, especialmente o ecoturismo.

A Vila de Paranapiacaba recebe logo em seguida, em 22 de agosto de 2002, o título de Patrimônio Cultural do Brasil. A decisão foi tomada pelo conselho do Iphan, reunido no Rio de Janeiro. O documento do Iphan, cujo relator foi o arquiteto Nestor Goulart Reis Filho, cita como bens tombados todas as edificações da parte baixa de Paranapiacaba e um conjunto mais recente, erguido nos anos 1960, já pela Rede Ferroviária Federal. Foram também tombados os equipamentos remanescentes do sistema funicular, como a casa de máquinas, restos de um viaduto e reservatórios de água.

2. Pau-da-missa

O Pau-da-missa é uma árvore do tipo Cambuci, que serve como instrumento informativo para a população da Vila de Paranapiacaba. Nele são colocados todos os tipos de recados para a comunidade. Em geral, avisos de funerais, missas, aniversários, casamentos, partidas de futebol, mensagens trocadas por namorados, entre outros.



No entanto, por prevalecerem os informativos referentes a assuntos direta ou indiretamente relacionados à Igreja, a árvore foi batizada com o nome de “Pau-da-Missa” e tornou-se um dos símbolos da Vila por se encontrar em local de passagem obrigatória para quem se dirigia à estação, servindo de elo de comunicação entre a Parte Alta e Parte Baixa da Vila, que não mantinham contato constate.

3. Inserção de Novas Mídias

Não foi possível efetuar uma pesquisa muito precisa com os moradores, ou mesmo encontrar algum tipo de estudo prévio que determinasse quais foram os efeitos da inserção de novas mídias sobre a comunicação efetuada entre a comunidade através do pau da missa.

Sabe-se, porém, segundo a coordenadora da Paróquia Senhor Bom Jesus de Paranapiacaba, Maria Aparecida Signato Marques, que a inserção da televisão e do telefone na vila não diminuiu a importância do Pau da Missa naquele primeiro momento, já que a igreja continuou colocando seus avisos de funerais, missas e festas normalmente na árvore.

Atualmente é bastante comum na vila a utilização de cartazes, informativos, agendas culturais, folhetos e tablóides. São distribuídos no Centro de Informações turísticas ou afixados no mural da entrada da Parte Baixa, nos barzinhos e nos principais pontos comerciais da vila. Merecem destaque a “AGENDA CULTURAL”, “O BILHETE” e “JORNAL PAU DA MISSA” (que não se trata de um jornal propriamente dito por não ser periódico).

A monitora ambiental e promotora de turismo Daniela Bergamini acredita que o simples advento da TV, e do telefone não teria sido suficiente para reduzir tanto a utilização do Pau da missa. Para ela, foi a própria dissolução da sociedade que determinou o desuso do Pau da Missa.

A Rádio Comunitária

Paranapiacaba é uma região privilegiada para sintonizar AM e FM, principalmente rádios da região metropolitana e da baixada santista, porém a vila não possuía, até bem pouco tempo atrás, uma rádio local.



Atualmente, a rádio comunitária é a única oriunda de Paranapiacaba e tem aproximadamente um ano de existência. Segundo Tomás José Padovani, gerente de cultura, esporte e lazer da sub-prefeitura de Paranapiacaba, a rádio comunitária inicialmente passou por um período de teste de três meses, para depois ser oficialmente inaugurada.

Primeiramente, a intenção era promover o turismo na região e posteriormente, era de se esperar que a comunidade assumisse a rádio. No entanto, este fato não ocorreu, devido à miscigenação sociocultural pela qual passou a região. Isto acabou prejudicando os alicerces para a consolidação da rádio na vila.

Segundo uma pesquisa local, elaborada para descobrir quais são as preferências musicais e quais seriam os melhores programas, foram constatados quatro tipos distintos de ouvintes da rádio:

- Os religiosos: Os evangélicos tinham um programa na rádio, conseqüentemente, os católicos inauguraram um também. Para evitar que houvesse predomínio religioso na rádio, os programas foram extintos por um tempo. Tais ouvintes preferem música gospel e programas de cultos e orações.
- Os mais velhos: Preferem música sertaneja, MPB e músicas clássicas.
- Os mais jovens: Preferem rock e música urbana, como hip-hop, rap e funk.
- Outros: Preferem notícias e demais programas informativos.

Foi neste heterogêneo panorama que a programação da rádio precisou ser determinada. Conseqüentemente, tornou-se bastante miscigenada e renovável na tentativa de agradar a todos. A rádio toca estilos musicais variados e apresenta programas institucionais, incentivando o turismo na região e informando sobre as iniciativas da prefeitura e de ONGs. Também atua como retransmissora de notícias e de boletins de saúde e da defesa civil.

Infelizmente, a população não tem aderido à rádio. Em Paranapiacaba existe a tendência inerente de a comunidade não condescender a nada com uniformidade.

4. Análise folkcomunicacional



Acredita-se que o parcial abandono de antigas tradições da Vila de Paranapiacaba, contexto no qual se enquadra o próprio Pau-da-Missa, tenha ocorrido, com o passar do tempo, principalmente por três fatores.

O primeiro leva a crer que a inserção de novas mídias, como a implantação da rádio comunitária e a distribuição de jornais locais, fez com que o “Pau da Missa” fosse gradativamente substituído.

Outro fator foi o desgaste natural do tronco da árvore. Seu casco está fraco e desgastado pelo tempo e por sua intensa utilização como suporte de panfletos informativos. Pode-se notar muitos “percevejos” e “tachinhas” enferrujadas ainda pregadas no tronco da grande árvore. Segundo a população local, o casco da árvore está demasiadamente fraco para suportar outras perfurações.

O último motivo, e talvez a maior causa do gradual desuso desta e de muitas outras tradições da Vila, foi a desativação da Ferrovia. Como consequência direta deste episódio, os antigos funcionários, juntamente com suas famílias, deixaram Paranapiacaba em busca de emprego e moradia em outras cidades.

A desapropriação das casas provocou uma migração de pessoas de diversas regiões do Estado, principalmente para a Parte Baixa. Este contingente modificou, ora acrescentando, ora descaracterizando, as tradições mais antigas da Vila.

Basicamente, a preservação do valor simbólico do Pau-da-Missa cabe àqueles que nasceram e ainda residem em Paranapiacaba ou àqueles que procuram trabalhar com a comunidade local em prol do resgate de seu rico e interessante passado histórico e cultural.

Conclusão

Com base na análise dos resultados e na tese de Luiz Beltrão, confirma-se “a existência de um sistema específico de comunicação entre os grupos marginalizados da população brasileira, a que denominamos *folkcomunicação*, em razão de seus agentes e seus veículos estarem relacionados, direta ou indiretamente com manifestações folclóricas” (BELTRÃO, 2001, p. 257).



Em outras palavras, pode-se dizer que a criação e a manutenção do fluxo informativo, existente por meio da simbolização do Pau-da-Missa, sustenta-se apenas como necessidade de manifestação das camadas marginalizadas da população da Vila, que encontram, neste instrumento, uma forma de se expressarem.

Além disso, o presente estudo vem reforçar a constatação de Beltrão de que “... embora empregando formas arcaicas e meios rudimentares, que são os únicos de que dispõem em face de sua situação econômica e social, os indivíduos de tais grupos populacionais se mantêm informados e exprimem a sua opinião, com uma atualidade e vigor que surpreende aos menos avisados e confere status à tese da natureza dinâmica do folclore” (BELTRÃO, 2001, p. 257).

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 266 p.

LIMA, Maria Paula Barbosa. *Paranapiacaba nas páginas do Diário do Grande ABC*. 1998. 72p., il. Monografia – Comunicação Social, São Bernardo do Campo, 1998.

Sites

“Sociedade de Preservação e Resgate de Paranapiacaba”. <<http://www.paranapiacaba-spr.org.br/principio.htm>>. Acesso em: 22 de out.2002.

“Arcoweb”. <<http://www.arcoweb.com.br/emdia.asp?atual=801>>. Acesso em: 22 de out.2002.

“Cidades Históricas”. <<http://cidadeshistoricas.terra.com.br/paranapiacaba/main.htm>>. Acesso em: 22 de out.2002.

“Estado de S. Paulo”. <<http://www.estado.estadao.com.br/edicao/pano/99/09/15/cid594.html>>. Acesso em: 22 de out.2002.

“Fortalsampa”. <<http://www.fortalsampa.hpg.ig.com.br/programacosampa002.htm>>. Acesso em: 22 de out.2002.



“Revitalização da Vila de Paranapiacaba”. <<http://users.iron.com.br/~waldemar/>>. Acesso em: 22 de out.2002.

“Arcoweb”. <<http://www.arcoweb.com.br/emdia.asp?atual=801>>. Acesso em: 22 de out.2002.